



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXIX — Nº 17

QUINTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1974

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

ATA DA 22ª SESSÃO CONJUNTA, EM 27 DE MARÇO DE 1974
4ª Sessão Legislativa Ordinária, da 7ª Legislatura

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO
DA MORTE DE NILO PEÇANHA

PRESIDÊNCIA DO SR. PAULO TORRES

Às 15 horas, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena — José Guimard — Geraldo Mesquita — Flávio Britto — José Lindoso — José Esteves — Cattete Pinheiro — Jarbas Passarinho — Renato Franco — Alexandre Costa — Clodomir Milet — José Sarney — Fausto Castelo-Branco — Petrônio Portella — Helvídio Nunes — Virgílio Távora — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Dinarte Mariz — Luís de Barros — Jessé Freire — Domicio Gondim — Ruy Carneiro — João Cleofas — Paulo Guerra — Wilson Campos — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Leandro Maciel — Lourival Baptista — Antônio Fernandes — Heitor Dias — Ruy Santos — Carlos Lindenberg — Eurico Rezende — João Calmon — Amaral Peixoto — Paulo Torres — Vasconcelos Torres — Benjamim Farah — Danton Jobim — Nelson Carneiro — Gustavo Capanema — José Augusto — Magalhães Pinto — Carvalho Pinto — Franco Montoro — Orlando Zancaner — Emival Caiado — Osires Teixeira — Fernando Corrêa — Itálvio Coelho — Saldanha Derzi — Accioly Filho — Mattos Leão — Octávio Cezário — Antônio Carlos — Celso Ramos — Lenoir Vargas — Daniel Krieger — Guido Mondin — Tarso Dutra.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Joaquim Macêdo — ARENA; Nasser Almeida — ARENA; Ruy Lino — MDB.

Amazonas

Joel Ferreira — MDB; Leopoldo Peres — ARENA; Raimundo Parente — ARENA; Vinicius Câmara — ARENA.

Pará

Américo Brasil — ARENA; Edison Bonna — ARENA; Gabriel Hermes — ARENA; João Menezes — MDB; Júlio Viveiros — MDB; Juvêncio Dias — ARENA; Sebastião Andrade — ARENA.

Maranhão

Américo de Souza — ARENA; Eurico Ribeiro — ARENA; Freitas Diniz — MDB; Henrique de La Rocque — ARENA; João Castelo — ARENA; Nunes Freire — ARENA.

Piauí

Correia Lima — ARENA; Dyrno Pires — ARENA; Heitor Cavalcanti — ARENA; Milton Brandão — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA; Severo Eulálio — MDB.

Ceará

Álvaro Lins — MDB; Edilson Melo Távora — ARENA; Ernesto Valente — ARENA; Flávio Marcílio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Januário Feitosa — ARENA; Jonas Carlos — ARENA; Josias Gomes — ARENA; Leão Sampaio — ARENA; Manoel Rodrigues — ARENA; Marcelo Linhares — ARENA; Oziaris Pontes — MDB; Ossian Araripe — ARENA; Paes de Andrade — MDB; Parsifal Barroso — ARENA.

Rio Grande do Norte

Antônio Florêncio — ARENA; Djalma Marinho — ARENA; Grimaldi Ribeiro — ARENA; Henrique Eduardo Alves — MDB; Pedro Lucena — MDB; Vingt Rosado — ARENA.

Paraíba

Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Cláudio Leite — ARENA; Janduhy Carneiro — MDB; Marcondes Gadelha — MDB; Petrônio Figueiredo — MDB; Teotônio Neto — ARENA; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Aderbal Jurema — ARENA; Airon Rios — ARENA; Carlos Alberto Oliveira — ARENA; Etelvino Lins — ARENA; Fernando Lyra — MDB; Geraldo Guedes — ARENA; Gonzaga Vasconcelos.

— ARENA: Joaquim Coutinho — ARENA: Josias Leite — ARENA: Magalhães Melo — ARENA: Marco Maciel — ARENA: Marcos Freire — MDB: Thales Ramalho — MDB.

Alagoas

Geraldo Bulhões — ARENA; José Alves — ARENA; José Sampaio — ARENA; Oceano Carleial — ARENA; Vinicius Cansanção — MDB.

Sergipe

Eraldo Lemos — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; Luiz Garcia — ARENA; Passos Pôrto — ARENA; Raimundo Diniz — ARENA.

Bahia

Djalma Bessa — ARENA; Edvaldo Flôres — ARENA; Fernando Magalhães — ARENA; Francisco Pinto — MDB; Hannequim Dantas — ARENA; Ivo Braga — ARENA; João Alves — ARENA; João Borges — MDB; José Penedo — ARENA; Lomanto Júnior — ARENA; Luiz Braga — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Nery Novaes — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Odolfo Domingues — ARENA; Prisco Viana — ARENA; Rogério Rêgo — ARENA; Ruy Bacelar — ARENA; Theódulo de Albuquerque — ARENA; Tourinho Dantas — ARENA; Vasco Neto — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Argilano Dario — MDB; Dirceu Cardoso — MDB; Elcio Álvares — ARENA; José Carlos Fonsêca — ARENA; José Tasso de Andrade — ARENA; Oswaldo Zanello — ARENA; Parente Frota — ARENA.

Rio de Janeiro

Alair Ferreira — ARENA; Alberto Lavinias — MDB; Ário Theodoro — MDB; Brígido Tinoco — MDB; Dayl de Almeida — ARENA; Daso Coimbra — ARENA; Hamilton Xavier — MDB; José da Silva Barros — ARENA; José Haddad — ARENA; José Sally — ARENA; Luiz Braz — ARENA; Márcio Paes — ARENA; Moacir Chiesse — ARENA; Osmar Leitão — ARENA; Peixoto Filho — MDB; Rozendo de Souza — ARENA; Walter Silva — MDB.

Guanabara

Alcir Pimenta — MDB; Amaral Netto — ARENA; Bezerra de Norões — MDB; Célio Borja — ARENA; Eurípides Cardoso de Menezes — ARENA; Flexa Ribeiro — ARENA; Florim Coutinho — MDB; Francisco Studart — MDB; José Bonifácio Neto — MDB; JG de Araújo Jorge — MDB; Léo Simões — MDB; Lisâneas Maciel — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Miro Teixeira — MDB; Nina Ribeiro — ARENA; Osnelli Martinelli — ARENA; Pedro Faria — MDB; Reynaldo Santana — MDB; Rubem Medina — MDB.

Minas Gerais

Aécio Cunha — ARENA; Altair Chagas — ARENA; Athos de Andrade — ARENA; Aureliano Chaves — ARENA; Batista Miranda — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Bias Fortes — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Delson Scarano — ARENA; Elias Carmo — ARENA; Fábio Fonsêca — MDB; Fernando Fagundes Netto — ARENA; Francelino Pereira — ARENA; Geraldo Freire — ARENA; Homero Santos — ARENA; Hugo Aguiar — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; João Guido — ARENA; Jorge Ferraz — ARENA; Jorge Vargas — ARENA; José Bonifácio — ARENA; José Machado — ARENA; Manoel de Almeida — ARENA; Manoel Taveira — ARENA; Murilo Badaró — ARENA; Navarro Vieira — ARENA; Nogueira de Rezende — ARENA; Ozanan Coelho — ARENA; Padre Nobre — MDB; Paulino Cícero — ARENA;

Renato Azeredo — MDB; Sílvio de Abreu — MDB; Sinval Boaventura — ARENA; Tancredo Neves — MDB.

São Paulo

Adalberto Camargo — MDB; Adhemar de Barros Filho — ARENA; Aldo Lupo — ARENA; Alfeu Gasparini — ARENA; Amaral Furlan — ARENA; Arthur Fonsêca — ARENA; Athié Coury — MDB; Baldacci Filho — ARENA; Bezerra de Mello — ARENA; Braz Nogueira — ARENA; Cantídio Sampaio — ARENA; Cardoso de Almeida — ARENA; Chaves Amarante — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Faria Lima — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Freitas Nobre — MDB; Henrique Turner — ARENA; Herbert Levy — ARENA; Ildélio Martins — ARENA; Italo Fittipaldi — ARENA; João Aruda — MDB; José Camargo — MDB; Mário Telles — ARENA; Maurício Toledo — ARENA; Monteiro de Barros — ARENA; Orensy Rodrigues — ARENA; Pacheco Chaves — MDB; Paulo Abreu — ARENA; Paulo Alberto — ARENA; Pereira Lopes — ARENA; Plínio Salgado — ARENA; Roberto Gebara — ARENA; Ruydalmeida Barbosa — ARENA; Salles Filho — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sílvio Lopes — ARENA; Sylvio Venturolli — ARENA; Sussumu Hirata — ARENA; Ulysses Guimarães — MDB.

Goiás

Anapolino de Faria — MDB; Ary Valadão — ARENA; Brasília Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Henrique Fantone — ARENA; Jarmund Nasser — ARENA; José Freire — MDB; Juarez Bernardes — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA; Wilmar Guimarães — ARENA.

Mato Grosso

Emanuel Pinheiro — ARENA; Garcia Netto — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Lopes da Costa — ARENA; Marcílio Lima — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA.

Paraná

Agostinho Rodrigues — ARENA; Alberto Costa — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Antônio Annibelli — MDB; Antônio Ueno — ARENA; Ary de Lima — ARENA; Arnaldo Busato — ARENA; Arthur Santos — ARENA; Braga Ramos — ARENA (SE) — Fernando Gama — MDB; Ferreira do Amaral — ARENA; Flávio Giovine — ARENA; Hermes Macêdo — ARENA; Italo Conti — ARENA; João Vargas — ARENA; José Carlos Leprevost — ARENA; Luiz Losso — ARENA (SE) — Maia Netto — ARENA; Mário Stamm — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Roberto Galvani — ARENA; Túlio Vargas — ARENA.

Santa Catarina

Abel Ávila — ARENA; Adhemar Ghisi — ARENA; Albino Zeni — ARENA; Aroldo Carvalho — ARENA; Cesar Nascimento — MDB; Dib Cherem — ARENA; Francisco Grillo — ARENA; Francisco Libardoni — MDB; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; Laerte Vieira — MDB; Pedro Colin — ARENA; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Amaral de Sousa — ARENA; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Arlindo Kunzler — ARENA; Célio Marques — ARENA; Cid Furtado — ARENA; Clóvis Stenzel — ARENA; Daniel Faraco — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Jairo Brum — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Mário Mondino — ARENA; Nadyr Rossetti — MDB; Nor-

berto Schmidt — ARENA; Sinval Guazzelli — ARENA; Vasco Amaro — ARENA; Victor Issler — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rondônia

Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Silvio Botelho — ARENA.

COMPÕEM A MESA, À DIREITA DO SENHOR PRESIDENTE PAULO TORRES, O SENHOR DEPUTADO FLÁVIO MARCÍLIO, PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, E O SENHOR SENADOR AUGUSTO FRANCO; À ESQUERDA OS SRS. SENADORES RUY SANTOS E GERALDO MESQUITA.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Declaro aberta a sessão.

A presente Sessão Solene destina-se a comemorar o cinquentenário da morte de Nilo Peçanha.

Concedo a palavra ao nobre Senador Ruy Santos, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. RUY SANTOS (Bahia) (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Srs. Ministros de Estado, Sr. Presidente do Tribunal de Contas da União, Autoridades presentes ou representadas, Srs. Congressistas:

Nós não chegamos, ainda, à perfeição de igualdade de oportunidade para todos. A verdade, entretanto, é que a origem nem sempre foi entrave à ascensão do homem que não nasceu em leito de ouro, ou que fosse de cor. Na minha Bahia — onde aportaram os primeiros negros africanos — tivemos, entre outros, Teodoro Sampaio, Juliano Moreira e os irmãos Rebouças, pretos que chegaram às posições mais altas de sua carreira e nacionalmente conceituados. E isso em terra onde os barões proliferaram. Mas o mesmo se daria no Estado do Rio, a província tida como a da nobreza brasileira. O preto José do Patrocínio, filho de um padre, seria o grande jornalista da abolição. Verdade que a indicação da cor de sua pele valia-lhe como uma chicotada. Conta-se mesmo que, certa feita, falando no Teatro Municipal, a serviço da campanha que o consagrou, parecia em hora de pouca inspiração. Um amigo subiu então a torrinha e, de lá, gritou:

— Cala a boca, negro!

Foi o bastante. Patrocínio, espicaçado, alteou-se, cresceu e acabou fazendo um dos melhores discursos de sua vida.

Fluminense também foi Nilo Peçanha. Claro que não era um negro como seu conterrâneo de Campos. Nem filho de padre. Mas um pardo, com um gosto especial por mulatas. Estudando em Recife, não podia ver passar uma cabrocha, segundo revela Brígido Tinoco, o seu grande biógrafo. E foi sempre assim, mesmo quando na altura a que a vida pública o conduziu. Tanto que, de outra feita, passando no Largo do Machado, à sua frente rebolava, no seu andar mexido e mexedor, uma mulata; e voltando-se para um antigo comandante da Força Pública do seu Estado, que o acompanhava, disse:

— Ribeiro, você sabe por que essa mulata se rebola quando passa por mim?

E ante a negativa do Coronel:

— Já desconfiei que eu gosto dela...

Atavismo. Herança. A descendência dos Pessanha — com dois esses — do Alentejo. O interesse do português pela mulata que foi a sua segunda grande descoberta...

O menino, moreno como o pai, teria a mesma preferência de tantos outros meninos. O apego a um galo; o prazer do circo. Com o galo — Chiquinho — dormiu muitas vezes no seu leito. E relembra

Brígido Tinoco que "já quinquagenário e desiludido dos homens, Nilo recapitulava, com minúcias, essas bagatelas da primeira infância. E, ajeitando o pince-nez, pilheriava: "Chiquinho era romântico. Tinha um grande coração."

Pelo circo foi um apaixonado. Mesmo quando já alteado na vida. A pretexto de alegrar crianças pobres, levava-as para ver os palhaços e os trapezistas. Só pretexto, entretanto. O desejo era seu. E ria, já adulto, como uma criança, dos trejeitos do histrião e se inquietava ante os riscos a que se submetia a moça do trapézio. A alma de menino sempre, — para quem, talvez, tempo algum se abrisse a beleza duma ópera, ou mesmo a gaiatice de uma opereta — sempre o prazer pelo circo.

Menino ainda que, como todo menino, vivia a trepar em árvores, para a colheita de frutas maduras. A colheita das goiabas, as goiabas de Campos, a que Arthur Azevedo ligaria a figura do estadista fluminense:

"Moço moreno e chibante
Voz melíflua, adocicada
Vem donde há mais goiabada
Pro Congresso Nacional."

Goiaba que a menina de sua eleição e que seria sua esposa — D. Anita — lhe esbagaçara um dia, contra o peito, repelindo um galanteio. Repulsa que, quase sempre, quanto mais violento, acabava em amor.

O menino de origem humilde ambicionava, porém. Olhava o alto. E o pai o animava. Queria-o gente. Assim, a serviço dos seus sonhos, buscara, de cedo, um instrumento de luta, a imprensa. O título de seu primeiro jornalzinho diz tudo: "A República". Distribuiu também folhetins. Num destes pregava, adolescente:

"A República e a Abolição são irmãs gêmeas. Precisamos, desde já, organizar socialmente o nosso povo. Fora a covardia, o temor, a moleza."

Não recomendava que fizessem o que não fazia. Para ele não houve nunca covardia, temor, moleza. Era o viver perigosamente. Era a personalidade forte que, de cedo, se afirmava.

A primeira investida política não lhe foi favorável. Candidato a Deputado, ainda no Império, não foi eleito. E isso lhe deve ter sido, sob certo aspecto, um bem. O tropeço na saída vale como uma grande lição. Aprende-se muito no fracasso. E não desanimaria. Ao contrário: retemperou o ânimo. E foi à frente. "Sua figura política crescia", como destacou Joaquim Nabuco. A antevisão do pernambuco ilustre tinha sua razão de ser. Confirmar-se-ia. E adiantou Nabuco:

— "Os jovens estadistas do Brasil, aqueles a quem o futuro prepara a direção dele, inspiram-me o maior interesse por amor à sorte do País, e Vossa Excelência é um deles, sendo já grande a responsabilidade pela nossa sorte que lhe tocou."

Isso em carta de julho de 1906, quando Nilo tinha menos de 40 anos de idade. E escrita por um Nabuco.

Nilo não seria, porém, um político ao estilo da época, acomodado, tranqüilo. Não era um liderado que se deixasse conduzir com facilidade. Independente. Com aquela personalidade que, aqui e ali, o fazia se insurgir contra o seu líder. Foi desse modo com Glicério, como com Pinheiro, que lhe deram tanta prova de apreço. Ao investir, certa vez contra Prudente, Glicério foi ao seu encontro para uma admoestação, ou ao menos uma estranheza. "Carrancudo e suarento", como revela seu biógrafo. E é o próprio Nilo quem conta o episódio: "Abre-lhe os braços e fingindo ignorar o seu estado:

— Meu líder, casar-me-ei o mês próximo, numa sexta-feira, 13. Eu e minha futura esposa desafiaremos os maus fados."

Fora uma ducha de água fria na revolta do líder, que apenas deixava escapar:

- Pois que Deus lhe dê muita calma.
- E muita força, retruca Nilo; força para a luta, meu chefe.

Ainda meu chefe! Chefe que teria sua revolta no episódio apagada, tempos depois, quando Prudente esqueceria a dedicação de seu líder e o derrotaria na eleição para a Presidência da Câmara.

Mesmo com Pinheiro, de quem recebera provas, sem conta, de estima, como nos instantes de desânimo, à época da crise do Estado do Rio, no Governo de Afonso Pena, o que o fez se tornar arredio do Senado:

- “Peço-te, pois, que impreterivelmente vás amanhã à sessão; ali conversaremos e verificaremos que não está tudo perdido.

Como com Rui, de quem andou divergindo ora lá, ora cá. Mas, à hora de sua grande dificuldade, o admirável baiano que, a serviço do Direito, não via o sentimento pessoal, iria em seu socorro:

- “Senhor Presidente, — começou Rui num discurso do Senado — bem longe estava eu ainda há duas horas, de pensar em comparecer hoje ao Senado, e muito menos de ocupar, na sessão de hoje, a sua atenção. Às onze e meia, porém, desta manhã, se me anunciou que me chamavam ao telefone e, acudindo a ele, encontrei-me com o senhor Nilo Peçanha, de quem ouvi os fatos que vou comunicar ao Senado, e o apelo por Sua Excelênciadirigido à minha voz, como a única a que, neste momento, poderia recorrer para o desabafo necessário dos direitos seus e do seu Estado, neste momento comprimidos violentamente pela ditadura reinante.”

Isso foi ao tempo do Governo Hermes. O tempo das intervenções hermitas nos Estados, como na Bahia, cuja capital foi bombardeada. E Rui não lhe faltou.

Interessante é que Nilo teve atuação destacada em favor da candidatura de Hermes, a que Rui se oporia. As voltas que a política dá. O depoimento é de Afonso Arinos, na sua esplêndida biografia de Rodrigues Alves, quanto a esse período:

- “Com a morte de Pena, Nilo assumiu. Mas assumiu para ser instrumento passivo da antiga coligação e consolidar a candidatura Hermes.”

Não creio em instrumento passivo. A personalidade de Nilo Peçanha, a sua maneira de ser não lhe permitiria a passividade. A política, àquela época, era um jogo. E o fluminense era um exímio jogador do xadrez nacional. Nas notas de Rodrigues Alves, do próprio punho, quanto a uma reunião na casa do velho Seabra, há este trecho:

- “Quando soube da conversa do Macedo Soares com meu filho, pusemos em dúvida a informação, porque ele não se tem mostrado amigo de São Paulo. Por que nos informar? Seria jogo do Nilo?”

Talvez. Mas o jogo político, como todos os jogos, tem seus riscos. E, nas suas jogadas, o estadista fluminense andou, em mais de uma oportunidade, em perigo. Teve mesmo que se foragir pelas perseguições a que andou submetido. Brígido Tinoco relembra seu sumiço no mato da terra fluminense. “Acoitado como um criminoso”. Cansou, porém, e resolveu apresentar-se ao delegado mais próximo. E ao bater à porta da autoridade:

- Quem é?

- Perguntaram-lhe de dentro.
- É Nilo Peçanha, o foragido...

E se entregou à prisão; mas a anistia havia sido decretada, fato de que ele, ainda no mato, não tivera notícia.

Durante dezessete meses, Nilo foi Presidente da República. “O barco republicano — no dizer de Afonso Arinos — ficava, agora, sob o comando frágil de Nilo Peçanha”. E justifica: “pela primeira vez, desde 1889, o governo era entregue a um homem que não saía do Exército, nem de um grande Estado e que, além de tudo, não gozava de especial autoridade política”.

Mas, nem sempre a autoridade vem do Estado ou da farda. Rodrigues Alves deixou, nas suas notas, que “suas idéias não combinavam com as de Nilo”; “nem os processos da vida política”. Nem podiam combinar. O ex-Presidente paulista vinha de um sistema mais ou menos fechado, onde predominava a aristocracia rural, a aristocracia do café; Nilo tinha origem popular e, por isso mesmo, com maior liberdade de ação, desvinculado a sistemas e a processos. Nilo foi um “hippie” — um precursor do “hippiesmo” — da política nacional. Assim, quando lhe perguntaram quais as linhas mestras de sua presidência, respondeu:

- “Paz e amor. Sim paz e amor, porque onde existe afeto existe compreensão.”

Talvez apenas, ao dar a resposta, não fizesse o gesto dos “hippies” que proliferam, hoje, em todo o mundo.

Essa a figura, a grande figura, que o Congresso Nacional hoje reverencia à passagem dos primeiros cinquenta anos do seu desaparecimento. José Eduardo de Macedo Soares, em poucas linhas, traçou-lhe o perfil:

- “Nunca foi um jurista, nem sequer um causídico. Ele foi exclusivamente um homem político, um grande chefe de partido, um notável condutor de governo. Mas, não apenas o talento brilhava solitário entre suas qualidades matrizes. Havia mais a bondade infatigável, a piedade humana, a comovida simpatia com os sofrimentos alheios. Havia ainda uma honestidade integral de diamante puro. Havia enfim um patriotismo sensual, amor físico à terra, adesão cega às virtudes e defeitos nacionais, um patriotismo caboclo, apaixonado e terno. Não era fraco. Era, pelo contrário, de uma fortaleza invencível no cumprimento do dever. Transigia nas questões de pessoas, nos detalhes, na ordenação tática. Mas não havia forças divinas capazes de o fazerem transigir com uma injustiça, com uma violência, com uma desonestidade, com a mais ligeira falta contra os interesses do Brasil. Os seus defeitos eram próprios da argila humana; suas virtudes tinham a centelha divina.”

É certo que sim. O destino não ampara os homens de origem humilde sem mérito. Nem os pardos de cor. Não chegaria Nilo até onde chegou se não possuísse pés para andar, alma para sentir, força para querer. Por isso é que teve assento no Senado quando quase menino; por isso é que, apesar de político de Estado pequeno, chegou à Presidência da República. Não se sobe alto sem condições para subir. E quem sobe sem tê-las cai, fragorosamente, ao primeiro tropeço. Nilo subiu sempre. As pedras que lhe surgiam ao caminho não o atemorizaram; antes deram-lhe forças para prosseguir. Daí a justa dessa evocação, que é uma homenagem — a mais justa — do Congresso Nacional. (Muito bem! Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Brígido Tinoco, que falará em nome da Câmara dos Deputados.

O SR. BRÍGIDO TINOCO (Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) — Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara dos Depu-

tados, Excelentíssimos Senhores Ministros de Estado, altas Autoridades aqui presentes, Senhores Congressistas:

Este ano de 1974 acentua, com prodigalidade, a lembrança de grandes vultos. De fato, 1974 é um escaudouro de efemérides, dimensiona valores excepcionais que projetaram até nós as suas sombras augustas enchendo os espaços de ritmos, de afirmações e de crenças. Reflete a harmonia de mensagens que ressoam na voz dos tempos, deixando na memória das gerações e no ar que respiramos, um profundo sentido de eternidade.

Permita V. Ex^a, Sr. Presidente, que em confirmação ao que digo, isto é, releve-me V. Ex^a que, antes de cuidar do cinquentenário do desaparecimento de Nilo Peçanha, representante supremo da Democracia brasileira, eu possa aqui lembrar, em ligeira síntese, neste momento e em respeito a este ano, figuras alienígenas que se tornaram íntimas de todos os provos pelo primado do espírito, e, por isso mesmo, caminharão ao abrigo dos séculos.

Recordo, com emoção, que 1974 assinala o tricentenário do desaparecimento de Milton, poeta britânico de fama igual ou superior à de Shakespeare. Realmente, John Milton logrou notoriedade no mundo com o "Paraíso Perdido", que lembra a "Eneida", de Virgílio. Consagrou-se com o seu prodigioso "Sansão", que guarda similitude com a temática grega, mormente com o "Prometeu Acorrentado" de Ésquilo.

Este ano de 1974 acusa, igualmente, o sesquicentenário da morte de Byron, o lendário cantor de "Childe Harold" e "Don Juan" poemas que inundaram de excentricidade e de melancolia os versos de Álvares de Azevedo e Castro Alves.

Byron, o formoso capenga de amores incestuosos, de caráter extravagante e senso trágico, depois de escandalizar a sociedade inglesa de seu tempo, imolou a vida em Missolôngui, gloriosamente lutando pela independência da Grécia.

O ano de 1974, Sr. Presidente, ressalta, ainda, o passamento do cinquentenário da morte de Anatole France, criador da "Revolta dos Anjos" e do "Jardim de Epicuro," mestre do sarcasmo e da filosofia cética, protagonista máximo do diletantismo e do impressionismo crítico na França.

Também 1974, — não é demais que se ressalte nesta oportunidade, — extinguiu-se Giacomo Puccini, cujos acordes distantes são presente e futuro e enternecem os homens de espírito porque a "Tosca," "La Bohème" e "Madame Butterfly" transformaram-se em monumentos imperecíveis.

Olhando, melancolicamente, o rio da vida, que vai sempre desaguar no mesmo vale de tranqüilos silêncios, revejo a imagem oracular de Nilo Peçanha, cujo cinquentenário de falecimento, a efetivar-se no dia 31 deste mês, merece a presente homenagem do Congresso Nacional.

Nilo Peçanha trouxe no sangue, nos neurônios, por coincidência ou por sopro de deuses invisíveis, inúmeras dessas qualidades positivas que mergulham fundo nas personalidades ora citadas, como se o encontro do calendário significasse o encontro de almas no mistério dos tempos.

Ele fez-se uedo do desespero popular, enfrentou com ironia um mundo agreste, fez os seus cânticos de fé e de liberdade, distribuiu a centelha da crença entre os homens. Foi peregrino da verdade e da fantasia. Chorou pelo povo e morreu pela República.

Ainda hoje, quem perflustra o interior fluminense em sua zona mais agreste e depara com um modesto ancião, dele ouvirá esta frase amiga e pungente: "O Dr. Nilo foi um homem muito bom, que morreu por nós, para salvar o Brasil". E ele merece, Sr. Presidente, a mística que o envolve, depois de passadas as prevenções separadoras. Paladino dos aflitos e dos necessitados, o lema da sua vida pública resumiu-se em uma interrogação comovida: "E o povo?"

Quando, baseado em testemunhas insuspeitas e em farto documentário inédito, publiquei, há pouco mais de dois lustros, a biografia do estadista, jornais e revistas do País, políticos e escritores receberam-na com extrema generosidade. Entre estes últimos, posso

citar Gilberto Freyre, Adonias Filho, Peregrino Júnior, Pedro Calmon, Raul Fernandes, Levy Carneiro, Milton Campos, Eduardo Gomes, Juarez Távora e tantos outros.

O ilustre Senador da República, Sr. Ruy Santos, que acaba de honrar esta Casa com o seu formoso discurso, escreveu, também, sobre o assunto, um memorável artigo no *Jornal da Bahia*. O saudoso Senador Artur Santos — digno representante do Estado do Paraná —, que tanta saudade deixou entre nós, também me escreveu longa carta em que dizia, num de seus trechos: "confesso-lhe, eu não sabia que Nilo Peçanha era tão grande". Desse modo, o biógrafo pouco significa, mas o biografado surge em corpo inteiro para surpreender os contemporâneos, com o sublime apostolado.

Veio, Sr. Presidente, este estadista da República, de gente humilde: nadou como um esturjão, contra a correnteza, sem impulsos de mãos generosas. Nasceu no município de Campos dos Goitacazes, na Fazenda do Deserto, limítrofe com o Espírito Santo, a 2 de outubro de 1867, na residência do padraсто de sua genitora. Aos três meses de idade, encontrava-se no Morro do Coco, e depois, em idade escolar, seu pai, que era agricultor, comprara uma padaria no coração de Campos.

Aos 11 anos — e o nobre Senador Ruy Santos já o destacou, — Nilo Peçanha, no balcão da padaria do velho Sebastião, redigiu o seu jornalzinho "A República", feito a bico de pena.

Seus genitores venderam vários objetos para que seu filho pudesse estudar na Faculdade de Direito do Recife.

Formado em Direito, no princípio de 1889, ainda no Império, candidatou-se a deputado federal e foi derrotado. Mas aos 22 anos, elegia-se para a Constituinte da República, em 1891.

Sr. Presidente, ainda quando deputado, Nilo Peçanha conheceu aquela que seria a companheira dedicada de seus dias, D^a Anita Belisário Soares de Sousa.

Claro que o namoro sofreu terrível oposição da família da noiva. Como poderia o filho do Sebastião da Padaria casar-se com a descendente direta do Visconde de Uruguai, jovem possuidora dos mais altos brasões, em cuja residência se hospedara D. Pedro II, quando fora inaugurar a luz na cidade de Campos?! Mas a jovem bateu pé, retirou-se da residência paterna e, na moradia de seu padrinho, casou-se com aquele homem que escolhera. Foi sua companheira infatigável, principalmente nas horas graves. Ai dos que o ferissem!

Certa vez o Deputado estadual Sérgio Pita, quando Nilo era Vice-Presidente da República, dirigiu-lhe terríveis desaforos. Morto Afonso Pena, já se encontrava Nilo Peçanha no Palácio do Catete e recebe a primeira visita, na parte residencial, do Deputado Sérgio Pita. D. Anita foi ao seu encontro: "O Senhor por aqui?!" Ele diz: "É verdade, D. Anita, vim conversar um pouquinho de política com o Dr. Nilo". "Então, o Senhor faz favor de descer. A política é lá embaixo. Aqui em cima é intimidade". E Cornélio Lima acorreu: "Mas D. Anita, fui eu que o trouxe". Então o Senhor desça também".

O Ministro Ribeiro de Almeida, do Supremo Tribunal Federal, certa vez, deu uma sentença contra as pretensões de Nilo Peçanha. O Magistrado fazia esforços para cumprimentá-la nas reuniões, e D. Anita sempre desviando o olhar. Ele então não se conteve: "Não é possível que uma filha do Joãozinho não me conheça!" E ela, friamente: "Deixou de conhecê-lo, desde o dia em que o Senhor deu aquele parecer contra o genro do Joãozinho."

Era assim, foi assim até mesmo depois de morto o marido.

Quando o representante, o ajudante-de-ordens de Artur Bernardes, lhe veio apresentar condolências, ela de imediato respondeu: "Não aceito pêsames de usurpador."

O Almirante Alexandrino de Alencar pretendia segurar a alça do caixão, de Nilo Peçanha, e ela imediatamente interveio: "Por favor, Almirante, não profane o corpo do meu marido."

Já em torno de Nilo Peçanha caminha um anedotário tranqüilo. São conhecidas as suas tiradas, à Swift, à Voltaire. Certa vez, Nilo Peçanha, Governador do Estado, teve que exonerar 400 funcionários

de uma só vez, e entre eles uma professora, filha de um coronel de Saquarema, que, apesar de mestra, era analfabeta. O coronel veio com a sua corte, para romper com Nilo Peçanha. Os amigos ficaram do lado de fora, e o coronel entrou. Nilo Peçanha o recebeu de braços abertos. O coronel lhe disse: "Dr. Nilo, vim romper com o Senhor". Este o abraçou, dizendo: "A perder um amigo como você, coronel, deixo imediatamente este Palácio, vou renunciar ao meu mandato. E tanto disse que, em meio do seu falatório, o coronel já chorava e só pôde dizer: "mas Dr. Nilo, o senhor exonerou a minha filha." E ele, calmamente: "Não fui eu, foi o decreto".

Certa vez o Estado do Rio em bancarrota, ele promoveu um concurso de agricultores. Foi uma febre. A terra fluminense exportou para todos os recantos do Brasil — não era para menos — pois Nilo oferecia três polpudos prêmios. Ele concorreu também, era lavrador —, e tirou o terceiro lugar.

Matoso Maia, Secretário de Finanças, dizia: "Dr. Nilo, não temos dinheiro para pagar o prêmio." E ele: — Marque a solenidade, Sr. Matoso. — "E o dinheiro?" Ponha três envelopes em branco e escreva, se quiser, a quantia num vale qualquer, mas fixe a data da solenidade". E foi marcada a solenidade.

No dia aprazado, Nilo Peçanha, por ser Governador do Estado, foi chamado em primeiro lugar, e fez uma descrição tão terrível da terra fluminense: operários famintos, crianças sem escolas! A assistência chorava no meio do seu discurso. Ele arrematou: — "não, eu seria um criminoso se recebesse esse prêmio."

O primeiro e o segundo colocados entreolharam-se, e subiram à tribuna para apenas dizer: — "Eu também renuncio", — "Eu também renuncio".

E assim, sem um níquel, Nilo Peçanha salvou a agricultura do Estado. Sua demagogia era sem ônus para os cofres públicos.

Sr. Presidente, poderia narrar, mas tenho receio de ser longo, todo o anedotário em torno de Nilo Peçanha.

Em determinada ocasião, ele organizou uma chapa com dois ou três advogados e, os demais, coronéis do interior. Um jovem médico foi ao seu encontro: "era necessário um homem como eu, por exemplo, na chapa. O Senhor colocou muita gente do interior, sem cultura". Ele disse: "mas o Senhor sabe que, em todo buquê de flores há manjerição". É bem verdade que desta vez, eu carreguei muito no manjerição".

Nilo Peçanha tinha um admirador infatigável, Benigno Goulart, lá de Niterói. Quando Nilo regressou da Europa para encetar a campanha da reação republicana, Raul Fernandes deu em sua residência uma pomposa festa. Do lado de fora ficavam os cabos eleitorais soltando bombas e foguetes.

Nilo — como lembrava há pouco o Senador Ruy Santos — era galanteador. Sabia falar a mulheres de ouvidos receptíveis e corações generosos. Estava ele diante de uma jovem quando um estampido mais forte ressoou, e a moça pôs a mão nos olhos. Disse ele: "a Senhorita, com as mãos pequeninas, tampando uns olhos tão grandes"! Benigno Goulart gostou da frase, e passeava inquieto pelos salões para ouvir o primeiro estampido e dizer o galanteio à primeira dama. E ecoou o estrondo. Mas, por azar do Benigno, a Senhora colocara as mãos nos ouvidos, e ele: "Senhora, com mãos pequeninas, tapando umas orelhas tão grandes." (Risos.)

Certa vez, D. Anita Peçanha rasgou enfiada uma carta depois que me mostrou para lê-la. Era do tempo da Reação Republicana; isso pouco antes de ela morrer. A jovem dizia apenas, na carta: "Eu sou aquela moça, vestida de branco, do camarote à direita, que o aplaudia com grande entusiasmo. Fiquei apaixonada pelo senhor; munde-me dinheiro que eu irei para sua companhia; sou virgem, como o senhor mesmo poderá verificar."

Pois bem, Sr. Presidente, falemos agora, ligeiramente — não sei se estou importunando a Casa, mas vou falar mais uns 10 ou 15 minutos. É possível, Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Perfeitamente.

O SR. BRÍGIDO TINOCO — Vou, então, passar à parte positiva do estadista.

Na Constituinte, Nilo representou papel saliente, redigindo o dispositivo que nacionalizou a cabotagem. É de sua autoria o preceito legal referente ao Instituto de Arbitragem.

Votada a Constituição, continuou defendendo o regime. Dizia ele: "Quero que a República seja efetivamente o Governo legal do País; que se rompam os grilhões que ainda a ligam ao Império, não quero para mim a responsabilidade dos futuros desastres nacionais, dos desvios administrativos, da política da apostasia que o Chefe de Estado traçou, despedindo do poder o Partido Republicano antes de instituir-se a República.

Ele foi um dos Deputados mais realizadores da época e um dos mais ferrenhos oposicionistas de Deodoro e Prudente de Moraes. Mas, ao trabalhar das Comissões, onde profere discursos em série, ele brilha também no plenário.

Mas, Sr. Presidente, aos 35 anos de idade, o mínimo para eleger-se Senador, ele está no Senado da República. Meses depois, é eleito para o Governo do Estado do Rio de Janeiro.

É preciso que o povo brasileiro — sinto cansar os Srs. Congressistas — mas, é preciso que o povo brasileiro saiba o que este homem fez pelo meu Estado, pelo Estado de V. Ex^a, Sr. Presidente do Congresso.

Quintino Bocaiuva declara que o Estado era massa falida. E Nilo não desconhecia a onda de desespero que o aguardava na terra fluminense, onde as demandas bramiam e o funcionalismo imprestável faminto, com seis e oito meses de atraso. Terras desnudas, logradouros públicos abandonados, fazendas em ruínas, campos inertes, lavradores em fuga, indústrias moribundas, eram o testemunho de uma conduta de imprevidência e dissipações.

Sem empréstimos e sem impostos, iniciou sua administração sem paralelo na História. Cuidou da revisão constitucional e remodelou a Lei Orgânica do Estado, para empreender, isento de ódios, arrojada revolução administrativa. O número de deputados passou de 65 para 45, reduzido o subsídio a um terço, adstrito ao dia de presença e excluída a remuneração nas prorrogações; restringiu a iniciativa do Legislativo em matéria de despesas e exigiu a presença de dois terços para convocações extraordinárias. Criou o prefeito de nomeação, no município em que o Estado tivesse responsabilidades pecuniárias. As secretarias de Estado foram concentradas numa secretaria geral. Nilo exonerou 400 servidores e chorou, como confessou em carta a Joaquim Murtinho, ao assinar a primeira exoneração. O coro das lamentações, porém, não lhe modificou a diretriz. Sangrou seus próprios vencimentos em 25%; extinguiu, numa atitude em que não teve imitadores, a verba secreta, terminando com o vício das despesas reservadas; diminuiu os vencimentos da magistratura e cortou os passes oficiais nas empresas de transporte; promoveu rigorosa cobrança do que era devido ao Estado. Tributo a lenha para preservar as florestas; taxou mercadorias estrangeiras similares às fluminenses; obteve redução de tarifas e a preços módicos os produtos eram colocados nas zonas de consumo. Num só lance, ele conseguiu seis objetivos: modificou o sistema fiscal; evitou a evasão de rendas; refreou dispêndios; amparou a produção; barateou o custo de vida e pôde lançar a semente dos ginásios industriais.

Pós em um mês o funcionalismo em dia. Mudou a Capital, de Petrópolis para Niterói. Instalou o Palácio do Ingá, hoje com o seu nome; o Tribunal de Relação e o Horto-Botânico em próprios do Estado; renovou a viação urbana, lançou pontes metálicas. A produção de laticínios aumentou em 200%; o açúcar, em 250% e o arroz, que o Estado importava, passou a ser produzido em 400 sacas por ano. A dívida flutuante era de 10 mil contos e, depois de 11 anos de déficit, Nilo Peçanha encerrou o balanço de 1904 com o saldo de 1.400 contos de réis. Instituiu o ensino profissional e inaugurou fábricas de tecidos que aumentaram a capacidade produtora para mais de dois milhões de quilos. Multiplicaram-se as escolas e, num semestre, a frequência escolar passou de cinco mil estudantes para 15.657. E

mais: deu emprego a dois homens, ex-Governantes do Estado, que passavam necessidade: Francisco Portela e Maurício de Abreu.

O Brasil, então, saúda o novo estadista, de todos os recantos do País. E ele, aos 38 anos de idade, é eleito Vice-Presidente da República. Dizem, e muitos ainda hoje confirmam, que muita gente de Campos embriagou-se, dizendo: "O filho do Sebastião da Padaria ao lado do Conselheiro do Império." Era Afonso Pena, então, Presidente da República.

Morto Afonso Pena, Nilo Peçanha assumiu o Governo da República. É incrível como um homem — porque ele é tido apenas como político, mas não como um grande administrador — pôde em 17 meses fazer uma administração excepcional. Inaugurou o Serviço de proteção aos Índios; fundou escolas profissionais; matadouros-modelos e entrepostos frigoríficos; instituiu prêmios para exportação de frutas nacionais; importou reprodutores, plasmou exposições de gado; codificou as leis processuais do Distrito Federal. Fundou o Patronato dos Menores Abandonados e dos Egressos das Prisões. Executou obras de saneamento e dragagem de rios, restituindo à lavoura e à pecuária uma área calculada em quatro mil quilômetros.

A Central do Brasil atingiu as margens do São Francisco; ligou a Capital da República à fronteira meridional e interiorizou o Brasil com a construção da linha Mato Grosso. Desonerou as rendas de nossas alfândegas, comprometidas desde Prudente de Moraes. Resgatou a dívida de dois milhões em ouro, contraída pelo Império, em 1879. Converteu os empréstimos de 5% com garantias especiais em empréstimos de 4% sem garantia nenhuma.

Ao terminar o Governo, o Tesouro Nacional acusava um saldo de 169 mil contos. Depois, todos sabem, tornou-se, pela segunda vez, governador do Estado, e novamente o salvou de instantes difíceis. A sua segunda administração nada fica a dever à primeira. Também foi o chanceler da Guerra e Raul Fernandes, um grande nome nacional, assegurou-me certa vez "Depois de Rio Branco, foi o maior Ministro das Relações Exteriores do Brasil".

Pois bem, Sr. Presidente, vou dizer duas palavras apenas sobre a Reação Republicana: ele é aí o evangelizador, o predestinado ao martírio. Sofreu como poucos. Daí vem a sua glória, quando ele esteve no ostracismo.

Bernardes, candidato do oficialismo, apresentou plataforma em banquete. Nilo correu o Brasil como um semideus, clamando por justiça. Visitou o Setentrão brasileiro, enquanto Seabra, seu companheiro de chapa, corria pelo Sul. Foi até o Amazonas. Em cada recanto, expunha um tema: instrução, agricultura, transporte, saúde pública — mas, em todos eles, a educação aparecia como fonte suprema.

Disse ele em Fortaleza: "Ao invés da delirante criação de empregos públicos, queremos escolas práticas de mecânica, de física, de química agrícola, de microbiologia, para levar às fábricas, às usinas, aos campos a experiência dos laboratórios, pondo a ciência a serviço da indústria, do trabalho e da paz. O Nordeste pede que se semeie aqui a vida, onde estranha maldição tem semeado a morte".

O seu discurso ao povo paulista — e isto confessou-me D^a Anita Peçanha — serviu de inspiração a Getúlio Vargas para criar a legislação trabalhista. Disse Nilo Peçanha, então:

"A reação republicana deseja, em favor de todos os brasileiros, sacudir, nos seus fundamentos, uma organização política viciada e pervertida, de cerca de cem anos e onde ora dominam os imperadores, depois as autoocracias, mas onde acaba de chegar a voz do povo. As velhas máquinas de compressão se desconjuntam e se despedaçam aos primeiros atritos da opinião pública. Bendigo a Deus que me fez viver nesta hora do mundo, em que uma luz nova o ilumina para livrá-lo do imperialismo agressivo, sufocados de nacionalidades.

O mundo não pode ser mais o domínio egoístico dos ricos, e só teremos uma paz de verdade e uma paz de justiça quando nas nossas propriedades, nas nossas usinas, nos nos-

sos campos e nas nossas consciências forem tão legítimos os direitos do trabalho quanto os direitos do capital. Não se pode mais negar uma legislação trabalhista que respeite, dentro da ordem, a liberdade operária, o pensamento operário, a associação operária em toda a plenitude de nossa Constituição. Há pouco mais de um século que as desigualdades sociais se atenuam e se estilham numa nova forja, crescente em cada país a emulação por um mundo melhor, como se fora nascido da própria liberdade. Vejo, com amargura, crianças sem escolas, trabalhadores atolados na lama e operários atrelados a carros como bestas de tiro.

Dizei, Senhores, se há quem possa ser feliz diante de tanta infelicidade. É que aqui ainda vivem essas oligarquias vorazes que fizeram da política uma indústria e do Brasil uma feitoria de meia dúzia de maúddes. Levantemos a interdição que pesa sobre o povo brasileiro."

Esbulhado nas urnas, irrompe a Revolução dos "18 do Forte". Nilo Peçanha é chamado à polícia para depor. Foi advogado dos estudantes.

Creio que V. Ex^a, Sr. Presidente, se encontrava entre os estudantes. Exatamente, o Senador Paulo Torres era um dos estudantes rebeldes defendidos por Nilo Peçanha. Pois bem, esse homem, então, vai ao Senado e diz ao povo:

"Jamais abandonei o caminho da lei, e ainda agora, preferindo o arbitramento ao tribunal de honra, às soluções de força, sou dos que entendem, entretanto, que os bravos militares que, perseguidos e em desespero, se insurgiram pelos destinos Constitucionais do Exército, aniquilados embora, escreveram com o seu sangue uma grande página de estoicismo pela República e pela liberdade. E se a política é acusada de participação nesse movimento, por ter-lhe criado ambiente, declaro-me solidário com os vencidos, e, desde já, renuncio às imunidades parlamentares para sofrer com eles."

O resultado foi o sítio inclemente. E diz Nilo, da tribuna:

"Sítio que já tem no seu passivo o assassinato de patriotas nas prisões do Estado; sítio que mata por asfia, que emudece a imprensa independente e manda, na imprensa oficial, insultar os vencidos. Ah! Sr. Presidente do Senado, o Chefe da Nação é surdo às vozes do coração humano".

Promete, então, se retirar do País, para que seus amigos sejam libertados das enxovias, das geladeiras e da Clevelândia. A resposta do Presidente Bernardes: só aceitava pôr em liberdade os seus amigos com a sua renúncia, dele Nilo. Isto é impossível, diz Nilo, é ou-torga do povo e não sei trair o meu eleitorado.

A resposta, todos sabem — foi a intervenção no Estado do Rio.

Esta página, que é curta, pouca gente conhece e por isso vou tomar a liberdade de, em mais cinco minutos, concluir o meu discurso, lendo esta proclamação de Nilo Peçanha ao povo brasileiro, quando Raul Fernandes foi enxotado do Governo do Estado:

"O Estado do Rio não tem força para impedir a consumação do atentado à sua autonomia e à alta dignidade da justiça, na qual, infelizmente, o sentimento apaixonado do homem pôde mais que a consciência dos deveres morais e constitucionais do Presidente. Mas, restabelecido que seja, um dia, — não me importa quando — o império da lei, a Nação há de restabelecer, também, as autoridades que V. Ex^a acaba de depor. Na preocupação em que está V. Ex^a, de suprimir a obscura parcela de influência do seu competidor, não duvidou, sem suprimir a justiça, interrompendo, talvez por longo tempo, a vida da Federação no Brasil. Não valia a pena, por tão pouco, e por questão pessoal, de si mesquinha, cometer crime tão grande e que compromete irremediavelmente o seu Governo.

O povo fluminense não tem armas para se defender, mas, pelos órgãos da sua opinião e soberania, protesta contra esse atentado. V. Ex.^a será a força vitoriosa e fora da lei, mas nós somos, agora e sempre, o direito dos fluminenses amparados na justiça."

Esse homem, Sr. Presidente, teve morte intranquilha, vendo os amigos perseguidos e a sua própria vida em risco.

A Casa de Saúde São Sebastião, no Rio de Janeiro, onde ele se operara do mal de vesícula, vivia repleta de elementos de todas as classes, aguardando o *verdictum* sobre sua saúde: se viveria ou se morreria. A massa ululante acompanhava sua doença.

Fechou os olhos em pleno desespero. A viúva do estadista contou-me também os seus instantes finais. Disse para a esposa: "Abra a janela, Anita," e, em seguida acrescentou: "Que dia lindo!"

Ele parece que contemplava, com olhos de artista, a sua própria despedida do mundo. Anita ofereceu-lhe um café e ele replica: "Não, prefiro um padre." E logo em seguida fez a confissão: "Nunca odiei; conscientemente, nunca fiz mal a ninguém."

Pouco depois, profundo tremor sacudiu-lhe o corpo e ele, preocupado ainda com os amigos, tentou levantar-se, mãos crispadas sobre os lençóis, perguntando: "E a Bahia, meu Deus! Onde está o Seabra?"

E assim morreu, em pleno desespero, aquele homem que desejava inundar a terra de amor.

Foi, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, um autêntico varão da República. Predestinado da fé, quase tocou com a fronte nos astros.

Percorreu os mais altos cargos do País; e morreu de mãos asseadas, em extrema pobreza.

A dor, as frustrações e as injustiças, e sobretudo as amarguras, construíram a sua janela de ferro por onde ele espiou a sorte do regime e velou pela República.

O seu nome, Sr. Presidente, ficará, como ficam entre nós as coisas eternas. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongados. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Esta Presidência associa-se às justas homenagens tão brilhantemente prestadas à memória do eminente e saudoso estadista Nilo Peçanha, pelo Senador Ruy Santos e pelo Deputado Brígido Tinoco, seu maior biógrafo, no transcurso do cinquentenário da sua morte.

É com desvanecimento e emoção cívica que participo dessas homenagens, inclusive e especialmente por se tratar de um homem público do meu Estado, venerado pelos fluminenses até os dias de hoje, pelos exemplos magníficos que legou aos seus coestudanos no Brasil.

A Presidência providenciará as devidas comunicações à família do homenageado.

Ao encerrar a sessão, esta Presidência deseja agradecer a presença dos Srs. Ministros de Estado da Marinha, do Trabalho e Previdência Social, dos Srs. representantes dos demais Srs. Ministros, do Presidente do Tribunal de Contas da União, do Comandante do 6º Comando Aéreo Regional e das demais autoridades civis e militares que nos honraram com o seu comparecimento participando desta solenidade.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas e 15 minutos.)